A PARTE EXORTATIVA DA CARTA, 12.1–15.13

Observação preliminar

Rm 6 já apresentou a comprovação de que a justiça da fé e a justiça da vida estão profundamente entrelaçadas. Contudo, não bastam abordagens de princípios. Por isso, o apóstolo passa, no bloco final e mais longo da carta, para uma corrente de exortações práticas: é assim que deve e pode muito bem ser configurada a realidade do cotidiano daquele que crê.

Numerosas cartas do NT são subdivididas de modo semelhante, numa parte doutrinária e noutra exortativa, aqui intitulada no seu todo com: “Rogo-vos”. O sentido básico do verbo grego *parakaléo* é “anunciar a”, “gritar para”, que passa a ser usado também para “solicitar”, “exortar”. No NT acrescenta-se uma característica adicional que o termo havia adquirido como palavra para traduzir uma expressão do AT: “consolar”. A partir daí, o termo se destaca pelo seu tom amigável e cordial. Basta lermos Is 40.1,2 para sentir a atmosfera em que essa exortação consoladora subitamente nos coloca.

Os exortados encontram-se plena e integralmente no recinto acústico da salvação. Conforme os v. 7,8, exortação faz parte dos dons da graça. Exortar e receber exortação são processos básicos de uma vida cristã saudável. Por meio dela Deus transmite seus irrenunciáveis impulsos de direção. Assim, a igreja nada mais pode fazer do que parabenizar-se quando a exortação acontece em suas fileiras.

1. Convocação para cultuar a Deus com a vida, 12.1–13.14

Observação preliminar

Uma parcela dos cristãos em Roma já vivia na fé há mais tempo que o próprio Paulo. Eram provados por perseguições e ricos em percepção espiritual e amor ativo. O fato de Paulo expor diante deles um grande sortimento de instruções não depõe contra o apreço que tinha por essa igreja. Não devemos presumir atrás de cada versículo problemas agudos em Roma. Afinal, exortação não é apenas para causadores de problemas, não só para ignorantes, novatos e pessoas passíveis de correção, não só para casos graves (cf acima a opr a toda essa parte da carta).

a. Prefácio: misericórdia experimentada torna-se exortação, 12.1,2

1 Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.
2 E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Observação preliminar

Depois de havermos introduzido ao bloco todo da carta, queremos referir brevemente à circunstância de que ao presente prefácio da *paráclese* se contrapõe, no final, em Rm 13.11-14, um epílogo de peso idêntico (cf a opr àquele texto).

1a Paulo introduz toda a sua exortação apostólica na esfera do "Pai da misericórdia" (2Co 1.4). **Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus**. Na verdade não é ele próprio que está exortando. Para ele, isso seria pusilânime, sim, muito temerário. A misericórdia de Deus, no entanto, é uma autoridade e uma potência sem igual, difícil de experimentar sem que nos tornemos diferentes, sem que ela produza em nós "tanto o querer como o realizar" (Fp 2.13). Se não nos cobrirmos os próprios olhos, somos "transformados, de glória em glória" pela contemplação do seu Cristo (2Co 3.18).

Obviamente esse ser transformado não cai sobre nós como numa anestesia, mas percorre o caminho da exortação, do ouvir obediente, da livre decisão, do querer resoluto e do agir enérgico. O que Paulo objetivamente tem em mente com "misericórdia" é revelado pela expressão anterior "pois". Ela estabelece ligação com Rm 11.30-32, porque ali ele havia resumido todo o agir redentor de Deus sob o tópico "misericórdia, compadecer-se". Ela abarca tudo por cuja compreensão Paulo se empenhou junto aos leitores durante onze capítulos. Desse modo, a exortação vibra agora no campo de força da mensagem de Cristo. Na verdade, o nome "Cristo" está ausente nesses dois capítulos (exceto em Rm 12.5), mas o som pleno de "Senhor Jesus Cristo" no último versículo (Rm 13.14) evidencia aquilo que esteve sempre presente.

Como será, agora, a vida daqueles que são carregados de um quarto de hora ao outro por essa essência da misericórdia de Deus e por nada mais?

1b A totalidade da misericórdia divina chama pela nossa totalidade. Isso é expressado aqui de forma única: **Rogo-vos... que apresenteis o vosso corpo por sacrifício**. Não há dúvida de que Paulo fala numa ilustração, mais precisamente evocando os cultos no templo, nos quais se colocavam "corpos" sobre o altar (Hb 13.11). Imediatamente, porém, Paulo deixa claros os limites dessa figura. Agora não se trata de corpos de animais, mas sim de "vosso corpo", e não se trata de cadáveres, mas de sacrifício vivo.

Salta à vista o discurso metafórico de sacrificar justamente o corpo. No fundo está seguramente o corpo sacrificado de Cristo, o qual o NT confessa com freqüência e com muita ênfase. O seu sacrifício na corporalidade terrena, visível, pública, e os nossos sacrifícios estão interligados. Mas como? Se levarmos em consideração a continuação no v. 2 e em todo o capítulo, Paulo não está convidando para o martírio. Mas, ao exortar à entrega do corpo, está dando uma ênfase peculiar. Se ele se limitasse à exclamação genérica de Rm 6.11: "Vivam para Deus!", com facilidade a entrega poderia voltar-se unilateralmente para dentro, assumindo um aspecto só interior, racional, religioso, místico – sem significado sério para a prática.

O quadro, porém, é como se Paulo lançasse um olhar desafiador a seus leitores: "Diante da misericórdia de Deus no sacrifício de Cristo vocês ainda têm vontade para a interiorização? Arquem com as conseqüências e exponham toda sua realidade de criaturas sujeitas à sua clemência!" "Corpo" diferencia-se do membro individual como sendo o abrangente. Por isso, o que Paulo vislumbra não é o culto delimitado, restrito a *uma* hora, a *um* recinto, a *um* só estado sentimental. No NT os encontros isolados de cristãos nunca são chamados de "cultos", uma vez que são nada mais que parcelas de um culto a Deus que abarca a vida inteira.

É desnecessário dizer que o "corpo" não é visto depreciativamente como acessório externo. Pois do contrário resultaria a exigência absurda: dêem a Deus o que é secundário, e o mais essencial pode ficar para vocês! Tomamos consciência do verdadeiro papel da corporalidade quando nos imaginamos sem corpo. Sem ele não poderíamos comer, nem dizer nada, nem ouvir, ver, sentir. Sem os neurônios de nosso cérebro não poderíamos pensar, ler,

compreender, crer. Não seríamos capazes de amar, nem de fazer algum bem, assim como ninguém nos poderia fazer algo de bom. Finalmente tampouco poderíamos ressuscitar.

Não existe existência humana sem corpo. Por isso podemos aguçar a afirmação: Não temos um corpo, porém *somos* corpo. É essa existência corporal, de ser humano, que está sendo solicitada. Deus no-la havia concedido, contudo tornou-se esfera do pecado e da morte. Porém, comprado por Cristo, esse corpo deve tornar-se de novo área irrestrita de bênção do Espírito Santo, de modo que Cristo seja enaltecido nele.

Nesse ponto cabe uma objeção: quando se trata de um **sacrifício vivo, santo e agradável a Deus**, pode-se oferecer-lhe indistintamente a vida corporal que em boa medida é tão insignificante e sem brilho? Não deveríamos pelo menos selecionar o que é precioso? Por outro lado, que há de precioso nos nossos corpos mortais, corruptíveis (Rm 8.11), afetados de fraqueza, erro e culpa? De fato eles nunca são preciosos em si, mas tornam-se valiosos por chegarem às mãos de Deus como material para a sua Onipotência. Nisso reside a perfeição do ser humano, em não resistir a Deus em nada. É assim que ele ressuscitará em incorruptibilidade, em glória e em poder (1Co 15.42-44).
Isso é que seria **culto racional**! Os profetas do AT já exerciam crítica contundente contra os cultos absurdos de seu tempo. Ao que parece, Paulo está referindo-se a determinados fenômenos de seu tempo. Talvez ele tenha aludido criticamente a uma expressão preferida de filósofos gentílicos da época – por isso colocamos aqui as aspas. Círculos eruditos daquele tempo distanciavam-se dos sacrifícios sangrentos e da abundância de cerimônias nos templos, enaltecendo um culto puramente a nível mental. Pois para eles deus era pensamento puro, razão suprema.

Por isso o pensamento também era tido por eles como a dádiva mais sublime que se podia ofertar a Deus, enquanto declaravam o corporal como desprezível. É nesse sentido que glorificavam o “culto racional”. Ocorre que Paulo contraria bruscamente essa tendência da moda. Num adendo claramente perceptível ele tira essa expressão dos filósofos e a preenche de forma nova: verdadeiramente “racional” é apenas um culto que responde de modo coerente e adequado à misericórdia de Deus em Jesus Cristo. Assim, Paulo está tão distante do paganismo refinado quanto do paganismo bárbaro. De maneira bem contrária ao helenismo, ele exorta a sacrificar

justamente o corpo enquanto **vosso** culto racional, i. é, dos que pertencem a Cristo. Percebe-se qual seria seu veredicto sobre um cristianismo diluído em pensamentos, sobre uma teologia resultante apenas da experiência do raciocínio.

2 Até agora falava-se como se o que crê vivesse sozinho numa relação a dois com Deus. Contudo ele vive no triângulo eu – Deus – mundo. Sob esse aspecto o chamado para uma vida agradável a Deus somente pode ser: **E não vos conformeis com este século,** "não se amoldem ao padrão deste mundo" (NVI). O cosmos, uma vez criado belo e bom, não é mais um mundo sem problemas submetido a Deus. Um "deus deste século" anuvia o espaço, obscurece a claridade originária da existência (2Co 4.4).

Por isso falta a visão nítida. Para o ser humano obcecado, o sentido da vida se reduz à satisfação de suas pulsões (Rm 6.12; 7.8; 13.14). Como ela requer dinheiro, a corrida pelo lucro está em primeiro plano, ou seja, a corrida por boas notas para assegurar uma posição vantajosa. É por ela que as pessoas precisam lutar, para depois garanti-la e defendê-la, guiadas por busca de poder e ávidas por honra. Nessa situação, demasiadas vezes a comunhão se revela como um egoísmo organizado coletivamente. Porém falta no fundo a visão para o todo, a responsabilidade pelo conjunto, o envio pelo todo. Há apenas o soturno grito:

Afinal, eu quero ser feliz! Contudo, o ser humano médio pensa que é compreendido corretamente por esse esquema de vida. É por isso que o ser humano o impõe de boa fé aos demais, também aos cristãos. Contra essa expectativa vale aqui: não se conformem!

No entanto, o não conformar-se não é nutrido apenas pelo dizer não. Por isso a continuação: **transformai-vos**, deixem-se transformar **pela renovação da vossa mente** ("maneira de vocês pensarem" [VFL]). Trata-se de um agir no sentido de que deixamos algo acontecer conosco. Ou inversamente: algo deve suceder conosco, algo que também desejamos pessoalmente. É nova criação que devemos experimentar. Devemos continuamente inserir nossa mentalidade na novidade que está em andamento (Rm 13.12), a fim de nos expormos ao poder de configuração do Espírito de Jesus na oração e na obediência da fé (2Co 3.18). A nova existência não existe em estoque. Temos de ser chamados continuamente à razão e inseridos para dentro do novo: dia após dia, de situação em situação.

Finalmente Paulo mostra essa mentalidade que se encontra em constante renovação em ação: **para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.** Praticar a vontade de Deus é, no NT, a essência do ser cristão. Na presente passagem, ela é chamada de "a boa", um termo que retoma textos marcantes do AT e que fornece, no que se segue, várias vezes o padrão da atuação. Entretanto, também para os cristãos "o bem" nem sempre é imediatamente perceptível. Uma vida cristã ingênua correria o perigo de ser assimilada. Muitas vezes é impossível decifrar a situação, muitas vezes o seu poder conformador cai sobre nós antes que o percebamos.

É por isso que Paulo exige e deseja em sua carta um cristianismo que verifica criticamente: "Examinem qual é a vontade de Deus, a boa e agradável e perfeita". Com freqüência é preciso descobrir o que é bom, investigá-lo criticamente, se possível num esforço comunitário. A reflexão também faz parte da releitura (a saber, na Bíblia). "Entende o que está lendo?" (At 8.30 [NVI]). Nosso versículo adverte contra o "esquema desse mundo", mas não oferece em troca um esquema cristão, e sim a intenção de examinar e de aprender permanentemente para descobrir a vontade de Deus. "Aprendei de mim!" (Mt 11.29).

b. Exortações para quem desempenha funções na vida da igreja, 12.3-8

3 Porque, pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que
não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com
moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um.
4 Porque assim como *num* só corpo temos muitos membros, mas nem
todos os membros têm a mesma função,
5 assim também nós, conquanto muitos, somos *um* só corpo em
Cristo e membros uns dos outros,
6 tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se
profecia, seja segundo a proporção (correta) da fé;
7 se ministério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina
esmere-se no fazê-lo;
8 ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com
liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce
misericórdia, com alegria.

Observação preliminar

Busca e pratica em cada situação a vontade de Deus! Foi esse o prefácio nos termos de Rm 12.1,2. O sim à vontade de Deus tem como conseqüência necessariamente o não aos esquemas dessa era, i. é, ele se realiza na permanente disposição de se transformar e ser diferente. Com esse sim e não Paulo entra, agora, na vida cotidiana cristã. Ele prefere iniciar com uma negação, para depois acrescentar uma instrução na boa vontade de Deus (v. 3,11,14,16,17,19,21).

É significativo que como primeiro exemplo Paulo aborda o culto a Deus. Parece que é nele que a conformação com o mundo realiza sua penetração singular. De acordo com Rm 16.5,10,11, os cristãos romanos viviam em várias igrejas domésticas dispersas pela área urbana, cada qual como uma espécie de família extensa, em que mulheres, homens, jovens e idosos se encontravam num espaço reduzido (cf o exposto sobre Rm 16.5). Com isso já havia a possibilidade de tensões pessoais e aporias práticas. Uma igreja dessas rapidamente estaria "destruída" (Rm 14.20) se seus membros não permanecessem continuamente na renovação de Rm 12.2.

3 Como primeiro e mais sério exemplo de conformação com o mundo, Paulo trata de extrapolações por parte dos portadores de funções. **Porque, pela graça que me foi dada, digo a cada um** (que é algo) **dentre vós**. Nossa interpretação sugere que "ser", nessa passagem, não seja entendido palidamente como mero pertencer à igreja, mas como uma participação qualificada. As exortações estão sendo endereçadas àqueles que encontraram uma área de tarefas na igreja domiciliar e que também demonstraram possuir um dom para ela. A subseqüente relação de portadores de dons confirma essa visão. Ao colaborador está sendo dito, portanto, **que não pense de si mesmo além do que convém**. Ele não deve tentar expandir-se além de um limite que lhe é colocado, não violar um "convém". Nesse ponto o sim à vontade de Deus segundo o v. 2 entra no jogo. **Pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um.** Falar da medida pressupõe que diferentes proporções de fé foram distribuídas cada um pelo, note-se bem, próprio Deus. Ou seja, não se deve ter em mente agora a fé na salvação, pois nela Deus não produz diferenças: "*um só* Senhor, *uma só* fé" (Ef 4.5).

Tampouco tem-se em vista diferenças na intensidade da disposição de confiança pessoal em Deus, pois tais coisas são decorrentes da lerdeza ou fidelidade humanas. Pelo contrário, esta difícil expressão

parece ter sido entendida no mesmo sentido de “proporção do *dom*” ou “justa *cooperação*” (Ef 4.7,16; cf 1Co 7.7; 1Pe 4.10). Do ponto de vista do Doador trata-se de dádivas da graça, mas do ponto de vista do receptor trata-se de dádivas da fé, destinadas a todos os que crêem. Sob esse aspecto os membros da igreja também podem e devem realizar funções diferentes. Cabe-lhes tomar consciência dessas decisões insondáveis de Deus. É assim que seu comportamento se torna refletido e também comedido. Do contrário, o “culto racional” do v. 1 perde sua sensatez.

Pois duas formas de conformação com o mundo seriam imagináveis. Primeiro, um detentor de carismas não preenche a sua medida. Ele é lerdo (v. 11), não assume sua responsabilidade, ou anula-se pessoalmente em discordância com 1Co 15.10: Não sou nada, não sei fazer nada, também não espero nada. Segundo, outro vai além do que tem, sabe e deve, enche-se, estica-se, sobrecarrega-se, avança sobre papéis de terceiros, corre ridiculamente atrás de personagens ideais que não combinam com ele. O pior, porém, é: quando um começa com esse comportamento, logo é seguido por outro e, no final, por muitos. O culto a Deus torna-se uma competição entre portadores de dádivas, ineptos para a vida eclesial. A igreja é tirada do equilíbrio. Em decorrência, o seu verdadeiro potencial fica ocioso.

4-6a Paulo usa a figura do corpo para ilustrar a vida sob a “medida da fé”. **Porque assim como *num* só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos *um* só corpo em Cristo e membros uns dos outros, tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada.** O texto constitui um eco a 1Co, que Paulo provavelmente escrevera poucos meses antes de Rm. Nele, Rm 12–14 desenvolvem a figura do corpo de forma mais larga e específica. Já somos membros do corpo, não há necessidade de nos tornarmos como tais. Foi Deus quem nos tornou membros através da sua providência.

Cada um de nós é um presente à igreja, pelo qual ela pode felicitar-se. Porém, somos de fato portadores de carismas segundo a graça que nos foi dada? Numa igreja de fácil supervisão como a de Roma a pessoa involuntariamente se envolve aos poucos na atividade. Às vezes é surpreendente em quem se revelam dons, quem toma iniciativas, no começo por força da necessidade, depois com entusiasmo crescente. É evidente que algumas funções se destacam de forma especial, mas ninguém as transforma logo numa hierarquia,

num sistema de degraus com definição exata do que é em cima e em baixo. A função diretiva “oculta-se” aqui no v. 8 entre outras dádivas, pois “nós, os muitos, somos membros uns dos outros”.

6b-8 Nos v. 6b-8 seguem-se instruções para diferentes portadores de serviços. Uma vez que de acordo com o v. 3 Paulo tem simplesmente o objetivo de instar com exortações, não devemos esperar ensinamentos com descrições dos serviços. Seus primeiros leitores imediatamente estavam ao par, mas nós não. Às vezes chegamos apenas a frágeis tentativas de interpretação. Quem, portanto, estiver procurado nessa passagem uma bem escorada doutrina sobre cargos, encontrará dificuldades. O NT ainda não possui definições homogêneas dos serviços. Quando eles se solidificaram nos séculos posteriores, o seu número em geral encolheu para três ou quatro. Esses poucos funcionários, então, atraíram sobre si demais competências, sobressaindo-se da comunidade passiva.

6 Se profecia, seja. Aqui, como de forma geral, a profecia encontra-se no primeiro lugar da lista de dádivas, pertencendo, portanto, à provisão básica de cada igreja. Ocorre que nossas idéias a respeito dela foram fortemente estreitadas em comparação com a multiformidade do profetismo e o rico material no AT e no NT. Há profetismo contra a vontade pessoal ou como impulso súbito da parte de qualquer membro da igreja, mas também vinculado a pessoas, de modo que se chega a uma definição fixa para “profeta”. A verdadeira força propulsora do profetismo no NT é o testemunho vivo de Jesus (Ap 19.10), que corrige e edifica espiritualmente a igreja (1Co 14.3). Em relação ao seu conteúdo, a profecia dispõe de um campo vasto: retrospecto sobre o passado, visão sobre o presente, perspectiva para o futuro. Ela revela a visão de Deus sobre coisas ocultas ao ouvinte individual, a uma igreja inteira, ou a um povo todo, de forma que o profeta fala “de acordo com os oráculos de Deus” (1Pe 4.11).

Essa dádiva sublime ou até suprema (1Co 14.1) também está singularmente ameaçada pela conformação com o mundo. Por isso, o tema do profetismo falso e da necessidade de examiná-lo ocupa toda a Escritura Sagrada (cf “examinar” no v. 2). Aqui, portanto, a exortação: por favor, **seja segundo a proporção** (correta) **da fé**, i. é, no âmbito do conteúdo da fé transmitida, assim como é pressuposta de forma consistente em Rm. O profeta poderia abandonar a base da fé, entregar-se a suas próprias excrescências psíquicas e intelectuais (2Co 4.5). Porém, os verdadeiros profetas estão sujeitos aos apóstolos enquanto garantidores da tradição de

Jesus. Seu evangelho rege as mais elevadas e brilhantes capacidades dentro da comunidade cristã. De acordo com Gl 1.8, o próprio Paulo se enquadrava nesse padrão.

7,8 Tentaremos inicialmente definir mais de perto as demais atividades. Ao lado da profecia aparece o **ministério** ("servir" [NVI, BLH, VFL]). Assim como a atuação de Jesus foi subdividida em palavras e ações, assim também acontece com o agir da comunidade de seguidores: seu serviço da palavra está rodeado de um corolário de serviços de amor. No v. 8b seguem-se exemplos.
No começo, a função do **que ensina** era peculiarmente importante. Durante os encontros, homens com memória confiável e formação esmerada tinham de gravar as tradições essenciais para a vida da igreja. Conforme At 13.1 eles formavam um oposto especial diante dos profetas. Enquanto os profetas representavam a interpelação viva de Deus, esses professores representavam a Escritura Sagrada, a tradição de Jesus e as máximas da fé apostólica. Preservavam um tesouro e, por isso, eram um tesouro.

Outros membros da igreja, por sua vez, **o**(s) **que exorta**(m), dirigiam-se aos indivíduos, revelando-se aptos para o apoio fraternal, paternal e maternal. Eles colaboravam para que a pregação genérica não apenas pairasse por sobre a platéia, mas penetrasse em cada ouvido e fosse compreendida e aplicada à vida cotidiana de cada um. As três últimas definições levam ao âmbito da tarefa diaconal. **O que contribui** ("dar" [VFL], "repartir" [BLH]) dos seus bens poderia ser, p. ex., aquele que abria sua casa para a igreja: "Venham ficar na minha casa" (At 16.15 [BLH]) – condição para o surgimento e a continuidade de uma igreja domiciliar. Tenhamos consciência do que isso representava para o espaço de moradia, a cozinha, a vida privada e também para o bolso. É fácil de explicar porque o proprietário da casa também acabava assumindo uma certa função diretiva. Talvez seja por isso que agora se diga uma palavra ao **que preside**.

Ele não está sendo enfocado por seu cargo de honra, mas por sua carga, uma vez que sua posição ainda está totalmente inserida entre outros serviços. Ele não se sobressai na igreja, mas atua para dentro dela. Ele coordena e organiza com uma visão pelo todo. Uma igreja em que a função diretiva é negligenciada é equivalente a um rio sem leito. Muitas coisas se dispersam e não produzem resultado.
Finalmente: assim como o Jesus terreno, também sua igreja se torna um ímã para um número enorme de fracos, doentes e pobres. Por

isso, há diversos membros que recebem com clareza especial o carisma de Jesus de compadecer-se, **quem exerce misericórdia**.

O estilo telegráfico das frases consecutivas revela a energia com que Paulo profere suas instruções para a “renovação da mente” segundo o v. 2. Já explicamos a exortação aos profetas. Nos três exemplos seguintes ele tão somente duplica: ministrar em ministério, ensinar no ensino, exortar na exortação! Tão simples, portanto, é o que ele diz: proceda orientando-se pela causa e pela dádiva! As intermitentes transgressões de limites dão lugar a uma viva concentração naquilo pelo que realmente somos competentes a partir de Deus. Deixamos que sua graça seja o suficiente para nós, aproveitamo-la plenamente e trazemos muito fruto. Isso evita uma série de distúrbios, bem como equívocos, atritos, rivalidades e inveja. Os últimos três exemplos alertam para que o serviço que nos foi confiado seja executado **com liberalidade, diligência e alegria**.
Quando isso ocorrer, acontecerá a renovação do servo insatisfeito, o terceiro da parábola dos talentos (Lc 19.20,21). Finalmente ele está satisfeito. Reconhece a bondade de seu Senhor e considera bela justamente a sua própria tarefa. Encontra-se no “culto racional”.

c. Exortações a todos os membros da igreja, 12.9-21

9 O amor seja sem hipocrisia. Detestai o mal, apegando-vos ao bem.
10 Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros.
11 No zelo, não sejais remissos; sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor;
12 regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes;
13 compartilhai (ativamente) as necessidades dos santos; praticai a hospitalidade (incansavelmente);
14 abençoai os que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoeis.
15 Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram.
16 Tende o mesmo sentimento uns para com os outros; em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde; não sejais sábios aos vossos próprios olhos (Pv 3.7).
17 Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem (Pv 3.7,27; 17.13) perante todos os homens;
18 se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens;

19 não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor.
20 Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça (Pv 25.21,22).
21 Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.

Observação preliminar

Refletindo por mais tempo sobre esse texto, somos transportados para as bênçãos plenas do evangelho. Por meio de certas aproximações com o Sermão do Monte nos v. 14,17,21 tornam-se presentes também as bem-aventuranças do mesmo. O caminho de Jesus ao sacrifício surge como a verdadeira força motora. O que no início parecia uma listagem confusa de ditados dá lugar ao impacto de uma forte coerência interna.

Nitidamente diferente dos v. 3-8, o novo bloco não menciona com nenhuma palavra os dons espirituais, mas sim o fruto do Espírito segundo Gl 5.22 (amor, alegria, paz, longanimidade).
Qual é a razão dessa diferença? Os dons espirituais são distribuídos na igreja *de maneira distinta*, motivo pelo qual também nos v. 6-8 cada um dos diferentes portadores de serviços recebe sua exortação à parte. Em contraposição, espera-se que todos os membros apresentem os frutos do Espírito de maneira igual, como mostram as presentes exortações.

Independente de numerosos paralelos no AT e em escritos judaicos há também semelhanças claras com exortações entre escritores gentílicos. Em todo lugar em que se estabeleçam parâmetros éticos e onde se dê valor à formação do coração, vive uma sabedoria proverbial que é em boa parte comparável ao presente bloco. Portanto, também Paulo está levando em conta um consenso geral sobre o bem e o mal. Cristãos também não devem parecer excêntricos.

A ênfase cristão diferenciadora reside, antes, em de onde e para quê. Paulo parte da misericórdia de Deus (v. 1), e o alvo último não é formação e preservação do caráter pessoal, mas o desenvolvimento da igreja em direção de Cristo como o Senhor. O v. 11c pode ser considerado como chave interpretativa: “Sirvam ao Senhor!” (BLH).

9,10 Tão logo um cristão realmente pratica o que crê, ele estará exercendo o amor. Foi o que Paulo já constatou em Gl 5.6b. É aquele amor que não se orienta pelo que é digno de amor, mas que responde à misericórdia de Deus (v. 1). É sob esse aspecto que ele rompe com os modelos de comportamento da era presente (v. 2). Porém o amor pode decair para uma mera encenação cristã. Quando ele é desempenhado unicamente por meio de expressão facial e saudação, uma igreja inteira cai no comportamento inautêntico e mascarado. Visto que isso a alienaria consideravelmente de sua essência, o NT exorta incansavelmente para a veracidade do amor. **O amor seja sem hipocrisia.**

As exclamações seguintes mostram o amor na sua consistência: **Detestai o mal**. Amor verdadeiro deixa claro do que ele – por amor! – abre mão (1Co 13.6). E **apegando-vos ao bem.** O **bem** é, conforme o v. 2, a "boa, perfeita e agradável" vontade de Deus. Cabe-nos estar incondicionalmente "grudados" a ele. A imagem condutora é a coesão numa boa família. Sede amavelmente fiéis uns aos outros no amor fraternal, no empenho recíproco uns pelos outros.

A profundidade que esse engajamento alcança é demonstrada pelo convite **preferindo-vos em honra uns aos outros**, "prefiram dar honra aos outros mais do que a si próprios" (NVI). Não se tem em mente a honra que compete a um cargo ou uma categoria, mas a honra que devemos tributar a cada membro como criatura de valor inestimável.

Estabelecer exceções nessa honra (Tg 2.1-9) não somente constitui culpa contra o céu, mas também um grave peso para aquele que é tratado com desdém. Ser honrado, fruir da dignidade humana é condição básica para que cada ser humano de fato possa continuar vivendo. Quando esse aspecto é abreviado, a ânsia por fama toma conta.

11-13 Os v. 11-13 enfocam o campo de atuação da igreja. **No zelo, não sejais remissos**. A exortação ao zelo se aproxima do v. 8, relacionada com a disposição de engajamento do que preside, mas aqui refere-se à disposição de cada um. Todos juntos devem ter o prazer de ser igreja que sabe o que é e o que deve fazer, fazendo-o com disposição. A igreja de Laodicéia havia chegado, com sua mornidão, ao limite extremo da zona de perigo. Chamados a cooperar no maior acontecimento que pode existir, a saber, no

acontecimento da vontade de Deus sobre a terra, vale para eles: **sede fervorosos de espírito**. E: **servindo ao Senhor**.

No nosso idioma, “senhor” pode ser usado para qualquer senhor da vizinhança, mas a igreja serve ao Senhor de todos os senhores e, não por último, Senhor do futuro. Isso é exatamente algo que somente se pode fazer de modo “ardente”, não com monotonia nem em fogo baixo. Antes, **regozijai-vos na esperança**. De acordo com Rm 5.2,3, as tribulações atuais nada podem senão incendiar ainda mais essa alegria. **Sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes.** Uma recapitulação dos textos que combinam “perseverar” e “oração” **perseverantes.** Uma recapitulação dos textos que combinam “perseverar” e “oração” também no nosso texto, faz pensar sobre a participação constante em reuniões de oração. Orar em conjunto é característica de uma igreja que crê. Onde não se ora, não se crê mais. Não se pode crer apenas no pensamento.

As citadas tribulações conduzem à exortação seguinte: **compartilhai** (ativamente) **as necessidades dos santos**. Às vezes o membro que passava a pertencer a uma igreja domiciliar facilmente perdia seu respaldo social anterior. P. ex., era possível que viúvas fossem excluídas da assistência pública aos pobres por causa por causa de sua fé. Com isso elas eram depositadas aos pés da igreja como uma tarefa (Tg 1.27). Os mestres da igreja também careciam de auxílio no primeiro cristianismo, porque seu serviço dedicado comprometia sua subsistência (Gl 6.6; 1Co 9.14).

Para leitores de hoje a continuação **praticai a hospitalidade** (incansavelmente) salta à vista. Por que essa exortação aparece no NT com tanta insistência, e qual a causa do louvor e da gratidão justamente por essa tarefa? Na Antigüidade, os que viviam “sem cidadania”, “fora da aliança” (Ef 3.12,19; Gn 4.14) eram indefesos. Isso valia em dobro quando se tratava de um missionário que pertencia a uma igreja observada com suspeita, e valia o triplo quando a pessoa já estava sendo procurada judicialmente (At 9.23-25).
Para tal pessoa, ocultar-se na casa de um companheiro de fé constituía o único refúgio, o que para este próprio não deixava de ser perigoso (P. ex.: At 17.6-8). Ou seja, a questão não é o comodismo da dona de casa, mas o medo que fazia retroceder na hora em que se devia exercer a hospitalidade. Mas de tais casas abertas dependia a expansão do cristianismo, ainda nos seus primeiros estágios.

14 O pensamento a respeito da perseguição à igreja leva Paulo a fazer uma breve intercalação, porém, ele retornará ao mesmo detalhadamente nos v. 17-20. **Abençoai os que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoeis.** Nesse ponto todos os paralelos fracassam. Em lugar algum o amor ao inimigo encontra-se com a mesma clareza inequívoca como em Jesus, de modo que Paulo está falando diretamente com a voz do seu Senhor. Sua proximidade com Jesus mostra-se também em suas justificativas para o amor ao inimigo. Primeiro: de acordo Mt 5.44,45; Lc 6.35,36, todos os discípulos devem amar os seus inimigos, a fim de se evidenciarem como imitadores de Deus, pois Deus é misericordioso também para com os ímpios.

Do mesmo modo, Paulo ancora suas exortações na misericórdia de Deus (acima, v. 1). Em segundo lugar: de acordo com Mt 5.46,47 os discípulos devem amar seus inimigos para se diferenciarem da mentalidade gentílica e "fazer a mais" nesse mundo. Assim também Paulo convoca para não se conformar com a era atual (acima, v. 2). No entanto, isso somente é praticável na presença de Deus. Ali nos tornamos totalmente verdadeiros no amor. Tem lugar a intercessão que abençoa. Ela tem a intenção de afastar a ira de Deus do perseguidor, assim como Jesus o fez (Lc 23.34). Portanto, nessa exortação não está presente apenas a voz de Jesus, mas também seu morrer que abençoa.

15 Com certeza o v. 15 vigora dentro da igreja, embora também possa incluir todos os concidadãos, em continuação ao v. 14: **Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram**. Sofrer perseguições pode endurecer uma pessoa, de maneira que nenhum sentimento a comove mais diante da alegria e do sofrimento desse mundo. Por isso: não se tornem devotos sobrenaturais ou desumanos!

16 O v. 16 conduz claramente de volta à realidade da igreja. **Tende o mesmo sentimento** ("Vivam em harmonia" [VFL]). Pela tradução queremos evocar a bela palavra "harmonia". Em Paulo, a exortação é formulada sete vezes de modo muito semelhante. Naturalmente ele conhece as diferenças de opinião nas igrejas. Elas são algo normal enquanto estiverem sob controle. De acordo com o v. 11 o controle é: "Sirvam ao Senhor" (BLH). Enquanto vigorar esse critério, serão encontrados meios e caminhos para superar as dificuldades.

Contudo, elas começam a triunfar quando os envolvidos não estiverem mais submissos ao Senhor.

Uma intenção estranha se intromete**: em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde** ("não viseis as coisas elevadas, mas inclinai-vos aos humildes" [tradução do autor]). Coisas elevadas que se aninharam na cabeça agora deslocam para o lado as pessoas que nos atrapalham na corrida para frente. Parecem humildes, insignificantes, desinteressantes. **Não sejais sábios aos vossos próprios olhos** (Pv 3.7). Cheios de sabedoria própria nos sobrepomos tanto ao senhorio de Jesus como também ao fato de sermos irmãos. Está dada integralmente a circunstância da conformação com o mundo (cf o v. 2).

17-20 Os versículos 17-20 complementam o tema do amor ao inimigo, já abordado no v. 14, em duas direções. Por um lado, a universalidade do amor cristão perpassa as frases seguintes, que não deixa nenhuma pessoa de lado. Por outro lado, insistem em abrir mão da retaliação. No v. 14 a prática tem de corresponder também à intercessão. **Não torneis a ninguém mal por mal.** Dito em seguida de forma positiva: **esforçai-vos por fazer o bem** (Pv 3.7,27; 17.13) **perante todos os homens**. Quando a intenção é o "bem", soltamo-nos da posição partidária.

O empenho pelo acerto e pela melhora é prioritário. O início da frase seguinte, **se possível, quanto depender de vós**, mostra que, ao fazer as exortações, o apóstolo está absolutamente cônscio da realidade "deste século" (v. 2). Nem sempre o amor vence, nem sempre o amor é benquisto. Mas o fato de que nem sempre o amor alcança o alvo não é motivo para que este seja mudado. Permanece valendo: **tende paz com todos os homens**. "Manter a paz" é mais que "Sede pacíficos!" No sentido de Mt 5.9, a perspectiva é de um papel ativo que visa uma solução do conflito.

Quando ela não é alcançada e a injustiça predomina, afirma-se: **não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira** (de Deus)**; porque está escrito** (Dt 32.35)**: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor**. Nada contra a nossa revolta sobre injustiça, mas só Deus pode e há de solucioná-la, primeiramente de forma limitada pela autoridade estatal (Rm 13.4), e de forma perfeita no dia da ira que se aproxima. Porém, se nós nos intrometermos pessoalmente nessa função de Deus, isso seria o fim

da nossa função, à qual estamos destinados na presente era, a saber, de vivermos a misericórdia de Deus (Mt 5.38-48; 13.29,30).

Por isso, Paulo insiste no envio cristão: **Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça** (Pv 25.21,22). Para usar uma expressão amena, o calor de brasas amontoadas sobre a cabeça é perceptível em todas as circunstâncias. A imagem drástica está dizendo pelo menos o seguinte: vosso agir em Deus é uma ação perceptível e eficaz no meio da vingança usual e absurda!
Também quando o inimigo amado não se ajoelhar imediatamente diante de vocês em sinal de arrependimento, ele certamente foi tocado pela experiência de algo novo. Por alguns segundos ele foi uma pessoa atingida, movida, admirada, talvez envergonhada (cf 1Pe 2.15; 3.16) e, em todo caso, abençoado. Em sua vida futura Deus tomará conta dele.

21 Após concluir essa lição, Paulo generaliza e ao mesmo tempo aguça em termos pessoais: Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem. Esse mundo é um lugar de luta entre duas maneiras de viver como pessoa, isto é, viver sob o “deus deste século” (2Co 4.4) ou viver sob o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Não nos tornamos vitoriosos só após sucessos terrenos do nosso agir, mas já o somos de modo oculto pela prática do bem propriamente dito.

COMENTÁRIO ESPERANÇA = Editora Evangélica Esperança